

DESAFIO WEEKEND  
TEMA DA AULA: REVISÃO GERAL DE FILOSOFIA

DATA: \_\_\_/\_\_\_/2020.

NOME:

FILOSOFIA

QUESTÃO 01

(ENEM/2012) Leia os textos a seguir.

TEXTO I

Anaxímenes de Mileto disse que o ar é o elemento originário de tudo o que existe, existiu e existirá, e que outras coisas provêm de sua descendência. Quando o ar se dilata, transforma-se em fogo, ao passo que os ventos são ar condensado. As nuvens formam-se a partir do ar por filtragem e, ainda mais condensadas, transformam-se em água. A água, quando mais condensada, transforma-se em terra, e quando condensada ao máximo possível, transforma-se em pedras.

BURNET, J. A *aurora da filosofia grega*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006 (adaptado).

TEXTO II

Basílio Magno, filósofo medieval, escreveu: “Deus, como criador de todas as coisas, está no princípio do mundo e dos tempos. Quão parcas de conteúdo se nos apresentam, em face desta concepção, as especulações contraditórias dos filósofos, para os quais o mundo se origina, ou de algum dos quatro elementos, como ensinam os Jônios, ou dos átomos, como julga Demócrito. Na verdade, dão impressão de quererem ancorar o mundo numa teia de aranha.”

GILSON, E.; BOEHNER, P. *História da Filosofia* Crista. São Paulo: Vozes, 1991 (adaptado).

Filósofos dos diversos tempos históricos desenvolveram teses para explicar a origem do universo, a partir de uma explicação racional. As teses de Anaxímenes, filósofo grego antigo, e de Basílio, filósofo medieval, têm em comum na sua fundamentação teorias que

- (A) eram baseadas nas ciências da natureza.
- (B) refutavam as teorias de filósofos da religião.
- (C) tinham origem nos mitos das civilizações antigas.
- (D) postulavam um princípio originário para o mundo.
- (E) defendiam que Deus é o princípio de todas as coisas.

QUESTÃO 02

(ENEM/2017) Leia o texto a seguir.

Uma conversação de tal natureza transforma o ouvinte; o contato de Sócrates paralisa e embaraça; leva a refletir sobre si mesmo, a imprimir à atenção uma direção incomum: os temperamentais, como Alcibíades sabem que encontrarão junto dele todo o bem de que são capazes, mas fogem porque receiam essa influência poderosa, que os leva a se censurarem. Sobretudo a esses jovens, muitos quase crianças, que ele tenta imprimir sua orientação.

BREHIER, E. *História da filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

O texto evidencia características do modo de vida socrático, que se baseava na

- (A) contemplação da tradição mítica.
- (B) sustentação do método dialético.
- (C) relativização do saber verdadeiro.
- (D) valorização da argumentação retórica.
- (E) investigação dos fundamentos da natureza.

### QUESTÃO 03

(ENEM/2012) Leia o texto a seguir.

Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de conhecimento é um objeto de razão e não de sensação, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.

ZINGANO, M. Platão e Aristóteles: *O fascínio da filosofia*. São Paulo: Odysseus, 2012 (adaptado).

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427 a.C.-346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

- (A) Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.
- (B) Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.
- (C) Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.
- (D) Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.
- (E) Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

### QUESTÃO 04

(ENEM/2017) Leia o texto a seguir.

Se, pois, para as coisas que fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais é desejado no interesse desse fim; evidentemente tal fim será o bem, ou antes, o sumo bem. Mas não terá o conhecimento grande influência sobre essa vida? Se assim é esforcemo-nos por determinar, ainda que em linhas gerais apenas, o que seja ele e de qual das ciências ou faculdades constitui o objeto. Ninguém duvidará de que o seu estudo pertença à arte mais prestigiosa e que mais verdadeiramente se pode chamar a arte mestra. Ora, a política mostra ser dessa natureza, pois é ela que determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior apreço, como a estratégia, a economia e a retórica, estão sujeitas a ela. Ora, como a política utiliza as demais

ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger as duas outras, de modo que essa finalidade será o bem humano.

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. In: Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (adaptado).

Para Aristóteles, a relação entre o sumo bem e a organização da pólis pressupõe que

- (A) o bem dos indivíduos consiste em cada um perseguir seus interesses.
- (B) o sumo bem é dado pela fé de que os deuses são os portadores da verdade.
- (C) a política é a ciência que precede todas as demais na organização da cidade.
- (D) a educação visa formar a consciência de cada pessoa para agir corretamente.
- (E) a democracia protege as atividades políticas necessárias para o bem comum.

### QUESTÃO 05

(ENEM/2019) Leia o texto a seguir.

De fato, não é porque o homem pode usar a vontade livre para pecar que se deve supor que Deus a concedeu para isso. Há, portanto, uma razão pela qual Deus deu ao homem esta característica, pois sem ela não poderia viver e agir corretamente. Pode-se compreender, então, que ela foi concedida ao homem para esse fim, considerando-se que se um homem a usa para pecar, recairão sobre ele as punições divinas. Ora, isso seria injusto se a vontade livre tivesse sido dada ao homem não apenas para agir corretamente, mas também para pecar. Na verdade, por que deveria ser punido aquele que usasse sua vontade para o fim para o qual ela lhe foi dada?

AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. In: MARCONDES, D. *Textos básicos de ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Nesse texto, o filósofo cristão Agostinho de Hipona sustenta que a punição divina tem como fundamento o(a)

- (A) desvio da postura celibatária.
- (B) insuficiência da autonomia moral.
- (C) afastamento das ações de desapego.
- (D) distanciamento das práticas de sacrifício.
- (E) violação dos preceitos do Velho Testamento.



## QUESTÃO 06

(ENEM/2013) Leia o texto a seguir.

Nasce daqui uma questão: se vale mais ser amado que temido ou temido que amado. Responde-se que ambas as coisas seriam de desejar; mas porque é difícil juntá-las, é muito mais seguro ser temido que amado, quando haja de faltar uma das duas. Porque dos homens que se pode dizer, duma maneira geral, que são ingratos, volúveis, simuladores, covardes e ávidos de lucro, e enquanto lhes fazes bem são inteiramente teus, oferecem-te o sangue, os bens, a vida e os filhos, quando, como acima disse, o perigo está longe; mas quando ele chega, revoltam-se.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

A partir da análise histórica do comportamento humano em suas relações sociais e políticas, Maquiavel define o homem como um ser

- (A) munido de virtude, com disposição nata a praticar o bem a si e aos outros.
- (B) possuidor de fortuna, valendo-se de riquezas para alcançar êxito na política.
- (C) guiado por interesses, de modo que suas ações são imprevisíveis e inconstantes.
- (D) naturalmente racional, vivendo em um estado pré-social e portando seus direitos naturais.
- (E) sociável por natureza, mantendo relações pacíficas com seus pares.

## QUESTÃO 07

(ENEM/2019) Leia o texto a seguir.

Para Maquiavel, quando um homem decide dizer a verdade pondo em risco a própria integridade física, tal resolução diz respeito apenas a sua pessoa. Mas se esse mesmo homem é um chefe de Estado, os critérios pessoais não são mais adequados para decidir sobre ações cujas consequências se tornam tão amplas, já que o prejuízo não será apenas individual, mas coletivo. Nesse caso, conforme as circunstâncias e os fins a serem atingidos, pode-se decidir que o melhor para o bem comum seja mentir.

ARANHA, M. L. Maquiavel: *a lógica da força*. São Paulo: Moderna, 2006 (adaptado).

O texto aponta uma inovação na teoria política na época moderna expressa na distinção entre

- (A) idealidade e efetividade da moral.
- (B) nulidade e preservabilidade da liberdade.
- (C) ilegalidade e legitimidade do governante.
- (D) verificabilidade e possibilidade da verdade.
- (E) objetividade e subjetividade do conhecimento.



## QUESTÃO 08

(ENEM/2012) Leia os textos a seguir.

### TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

### TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004 (adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume

- (A) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.
- (B) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
- (C) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
- (D) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
- (E) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.



## QUESTÃO 09

(ENEM/2019) Leia os textos a seguir.

### TEXTO I

Considero apropriado deter-me algum tempo na contemplação deste Deus todo perfeito, ponderar totalmente à vontade seus maravilhosos atributos, considerar, admirar e adorar a incomparável beleza dessa imensa luz.

DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

### TEXTO II

Qual será a forma mais razoável de entender como é o mundo? Existirá alguma boa razão para acreditar que o mundo foi criado por uma divindade todopoderosa? Não podemos dizer que a crença em Deus é “apenas” uma questão de fé.

RACHELS, J. *Problemas da filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2009.

Os textos abordam um questionamento da construção da modernidade que defende um modelo

- (A) centrado na razão humana.
- (B) baseado na explicação mitológica.
- (C) fundamentado na ordenação imanentista.
- (D) focado na legitimação contratualista.
- (E) configurado na percepção etnocêntrica.



## QUESTÃO 10

(ENEM/2019) Leia o texto a seguir.

Dizem que Humboldt, naturalista do século XIX, maravilhado pela geografia, flora e fauna da região sul-americana, via seus habitantes como se fossem mendigos sentados sobre um saco de ouro, referindo-se a suas incomensuráveis riquezas naturais não exploradas. De alguma maneira, o cientista ratificou nosso papel de exploradores de natureza no que seria o mundo depois da colonização ibérica: enxergou-nos como territórios condenados a aproveitar os recursos naturais existentes.

ACOSTA, A. *Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Elefante, 2016 (adaptado).

A relação entre ser humano e natureza ressaltada no texto refletia a permanência da seguinte corrente filosófica:

- (A) Relativismo cognitivo.
- (B) Materialismo dialético.
- (C) Racionalismo cartesiano.
- (D) Pluralismo epistemológico.
- (E) Existencialismo fenomenológico.



### GABARITO

- Questão 01 – D
- Questão 02 – B
- Questão 03 – D
- Questão 04 – C
- Questão 05 – B
- Questão 06 – C
- Questão 07 – A
- Questão 08 – E
- Questão 09 – A
- Questão 10 – C